

O pavão da campanha ou o jacaré da PNAD?

03 OUT 2014

O falecido governador Leonel Brizola citava frases de efeito. Uma das que eu mais gostava era: “Tem rabo de jacaré, couro de jacaré, boca de jacaré... É jacaré!”. Penso ser impossível refutar a tese de que a política econômica da presidente deixou a desejar. Discorda? Crescimento médio do PIB dos mais baixos da República, inflação longe do centro da meta por todo o mandato, saldo em transações correntes deficitário em 3,5% do PIB, dentre outras estatísticas ruins. Como pode, então, agora que disputa a reeleição, sugerir que a economia é um pavão?

No período de 2011 a 2013, a economia brasileira esteve no Z4, em termos de crescimento na América Latina. Se 2014 confirmar a estagnação esperada por muitos economistas, o PIB médio anual terá crescido menos de 2% a.a., só superando o apresentado pelo governo Collor, que nem um mandato inteiro cumpriu. Como comemorar?

A divulgação da PNAD nos mostrou que o desemprego cresceu pela primeira vez desde 2009, atingindo 6,5%. A área geográfica de abrangência da PNAD é maior do que a PME

A desculpa de que todas as mazelas, no âmbito econômico, são compensadas por manutenção do emprego me parece púida. Discordo, pois a análise da taxa de desemprego é decisiva. Aliás, deslindar esse conundrum (crescimento baixo, desemprego baixo) deveria ser motivo de atenção dos candidatos oposicionistas, o que não vem acontecendo. Parte das razões o professor Gustavo Franco explicou, em recente artigo. Gostaria de acrescentar outros aspectos.

Muitos colegas economistas vêm se manifestando sobre o comportamento atípico do mercado de trabalho em nosso país. A metodologia de cálculo da taxa de desemprego é motivo de discussão, pois pode estar enviesando a análise. Para o IBGE, que adota orientações da OIT, uma pessoa está ocupada quando trabalha por pelo menos uma hora na semana anterior em que ocorre a pesquisa do instituto. Ademais, se a pessoa não

está procurando emprego, ela não é considerada desempregada.

Mas o ponto crucial é que, no Brasil, a taxa de desemprego, medida pela Pesquisa Mensal de Emprego (PME), é calculada em somente seis regiões metropolitanas. Ela representa a diferença entre a população economicamente ativa (PEA) e aquelas pessoas ocupadas. Explicando melhor, se calcularmos a taxa de ocupação da economia (TO) como ocupados/PEA, a taxa de desemprego pode ser descrita como 1 - TO. Mas, então, o que estaria ocorrendo, para explicar a taxa em torno de 5%, que tanto orgulha nossa presidente?

Eis minha análise: na última década, o crescimento dos ocupados foi quase três vezes maior do que o aumento da PEA (existem algumas boas explicações para tal). Junte-se a isso os programas de distribuição de renda, os famosos “bolsas”, que reduziram o êxodo em direção às regiões metropolitanas (o que ocorria nas décadas de 1970, 1980 e 1990). Assim, essas pessoas ficaram em suas cidades, pois não precisam mais trabalhar. Logo, por conclusão, a procura por emprego nas seis regiões da pesquisa desabou, afetando a taxa para baixo.

A recente divulgação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) nos mostrou que o desemprego cresceu pela primeira vez desde 2009, atingindo 6,5%. É útil lembrar que a área geográfica de abrangência da PNAD é bem maior do que a PME (que acabará), o que nos fornece uma fotografia menos distorcida. Assim sendo, nem mesmo no quesito onde haveria uma estatística favorável o atual governo pode se vangloriar.